

A modernização da cidade de Anápolis (GO) e a repercussão no seu Centro Pioneiro

The modernization of the city of Anápolis (GO) and the repercussion in its Pioneer Center

Enviado em: 31/03/2019

Aceito em: 26/01/2020

Ana Caroline Caixeta Silva¹

Milena D'Áyala Valva²

Resumo:

Esse artigo tem como tema central o processo de modernização da cidade de Anápolis considerando sua importância na dinâmica regional do território goiano, visto que sua localização geográfica estratégica foi fator determinante para seu desenvolvimento econômico e crescimento desde o início do século XX. Nesse sentido, a intenção não é apresentar como o processo de modernização se efetivou, mas compreender a maneira como os principais marcos dessa dinâmica econômica política e social repercutiram no espaço intraurbano de Anápolis e, em que medida, contribuíram para o enfraquecimento da hegemonia do Centro Pioneiro da cidade. Assim serão evidenciados ao longo do texto os benefícios da localização de Anápolis, os principais elementos estruturadores que permitiram-na assumir o caráter de cidade moderna, a reestruturação do espaço intraurbano ao longo do processo de modernização e as mudanças em relação ao Centro Pioneiro, que afetou aspectos físicos e, principalmente, as marcas do passado presentes ali.

Palavras-chaves: Modernização, Áreas Centrais, Patrimônio Cultural.

Abstract:

This article has as its central theme the process of modernization of the city of Anápolis considering its importance in the regional dynamics of the state of Goiás, since its strategic geographical location has been a determining factor for its economic development and growth since the beginning of the 20th century. In this sense, the intention is not to present how the

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo PPGS Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG) na área de concentração Dinâmicas Territoriais no Cerrado. E-mail: anacaroline.arqurb@gmail.com

² Arquiteta e Urbanista, Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura pela Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e no curso de Arquitetura e Urbanismo. Membro do Grupo de Pesquisa Cidades, Sistema e Habitar. E-mail: midayala@gmail.com

modernization process took place, but to understand the way in which the main milestones of this political and social economic dynamics had an impact on the intra-urban space of Anápolis and, to what extent, contributed to the weakening of the pioneer Center's hegemony. Thus, will be considered along the text the benefits of the location of Anápolis, the main structuring elements that allowed it to assume the character of a modern city, the restructuring of the intra-urban space throughout the modernization process and the changes in relation to the Pioneer Center, that affected physical aspects and, mainly, the marks of the past present there.

Keywords: Modernization, Central Areas, Cultural Patrimony.

Introdução

A modernização está associada a um conjunto de alterações estruturais que se processam na organização de uma sociedade, afetando questões de ordem econômica, social, política e cultural, não se resumindo única e exclusivamente a transformações nos meios de produção e nas bases técnicas, mesmo que estas sejam determinantes para este processo, que, na maioria das vezes, se dá a partir de um desenvolvimento gradual da industrialização. Assim, a modernização acontece a partir de um pensamento desenvolvimentista do progresso e da racionalidade.

De acordo com Silva (2014), mesmo a modernização possuindo um caráter global, não quer dizer que se dá de maneira igualitária, pelo contrário, se desenvolve de maneira desencontrada e, muitas vezes, contraditória, ocorrendo de modo distinto e adquirindo características próprias em cada local em que se introduz.

Nesse sentido, observamos que em Goiás a primeira metade do século XX pode ser entendida como um marco na corrida rumo à modernização capitalista, início do processo de transformação do estado que era até então caracterizado pela ocupação rural e tinha como atividade produtiva a agropecuária – pecuária extensiva e agricultura de subsistência. No período considerado, a ocupação e apropriação do território goiano foram frutos de ações planejadas e com interesses e funções políticas e econômicas bastante definidas, que encontravam o devido respaldo na Marcha para Oeste – política econômica do governo Vargas, anunciada em 1937.

Essas transformações que objetivaram inserir integralmente Goiás na economia capitalista resultaram em alterações significativas na configuração sócio espacial do território goiano. A paisagem do cerrado foi se alterando, a agropecuária de subsistência foi dando

lugar às grandes plantações e as cidades se tornaram o *locus* central da vida social, econômica, política e cultural.

O que se observa, portanto, é a modernização e a industrialização funcionando como motor para a urbanização, processo em que o espaço rural se transforma em espaço urbano, marcado pelo crescimento populacional e territorial das cidades.

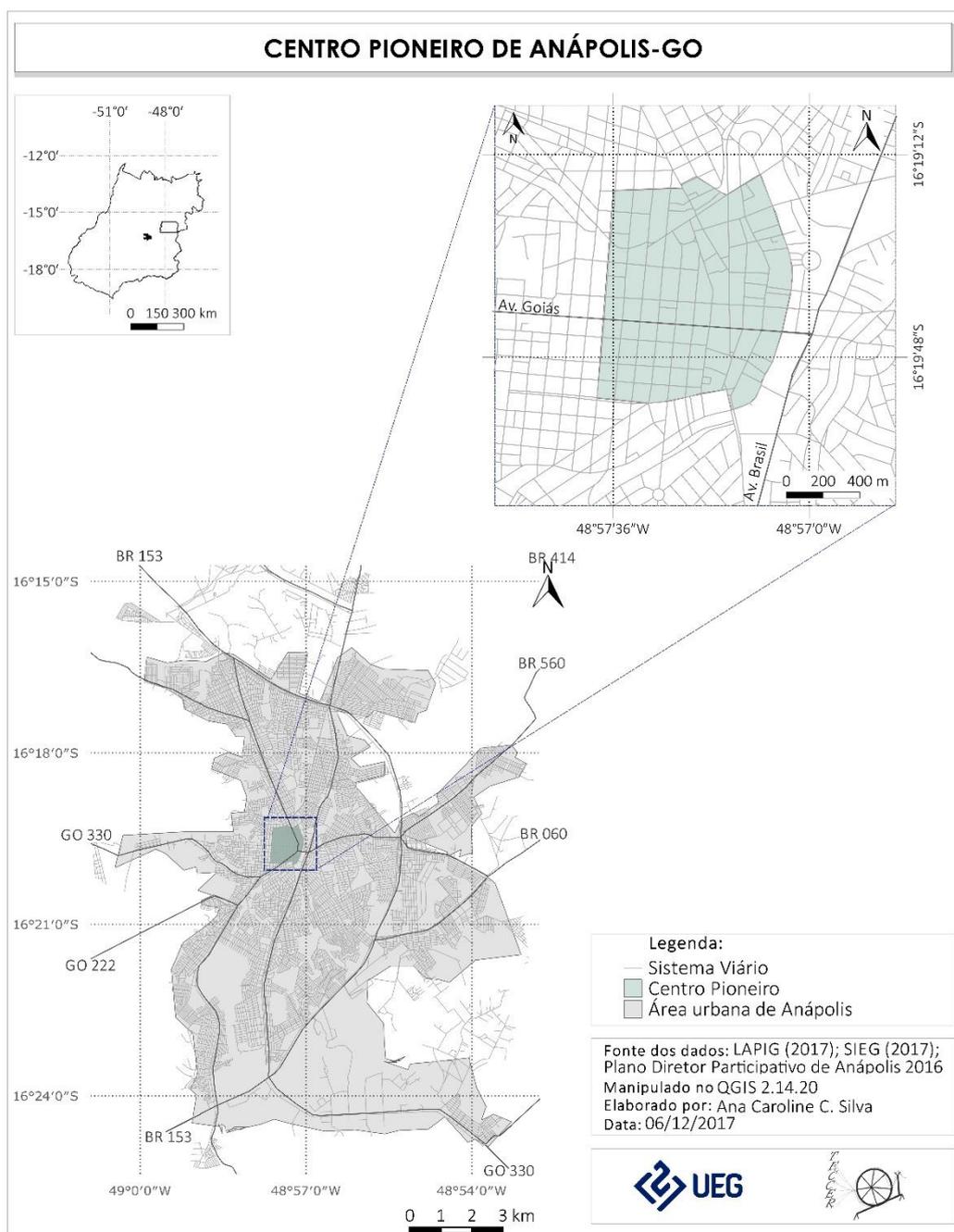
Quando se trata de Goiás, notamos que a modernização está “carregada de certa positividade, de modo a nos fazer acreditar que sua constituição esteve livre de conflitos” (ARRAIS, 2013 *apud* SILVA, 2014, p. 13). Mas, “tanto em aspecto socioeconômico (a modernização) quanto na sua dimensão cultural (o modernismo)” (SILVA, 1997 *apud* ARRAIS, 2008, p. 16), a conjuntura moderna trouxe e ainda traz consigo consequências, como a concentração de renda, pobreza, as desigualdades sociais em sua totalidade e a transformação da paisagem e da estrutura urbana.

Diante disso, tomamos a cidade de Anápolis como foco desse debate, tendo em vista que diante do cenário de modernização do Estado de Goiás ela está inserida nos três eventos de maior destaque para o processo: a chegada da ferrovia (1935) e a transferência e construção de duas capitais, do estado (Goiânia, 1933) e da federação (Brasília, 1960).

A intenção não é apontar minuciosamente como se deu o processo de modernização na cidade desde o início do século XX e as características decorrentes da sua implantação, mas pensar na maneira como o espaço urbano, principalmente no Centro Pioneiro³ de Anápolis, foi afetado pelos principais eventos promotores da modernização, e em que medida eles contribuíram para o enfraquecimento da importância e do papel exercido por essa área da cidade.

³ A expressão Centro Pioneiro é utilizada ao longo desse artigo para referir-se ao núcleo onde a cidade de Anápolis se originou e se desenvolveu em seus primórdios, assim como consta no Plano Diretor Participativo da cidade, documento de 2016 (ver Silva, 2019).

Figura 1: Centro Pioneiro de Anápolis.



Fonte: Silva (2019, p.52).

Apesar de ser uma cidade com uma história recente, Anápolis apresenta uma dinâmica de transformações marcantes que tem modificado profundamente sua paisagem e a organização sócio espacial, em grande medida, subordinadas aos interesses dos agentes hegemônicos que produzem e reproduzem o espaço urbano. Na opinião de Meyer (2001),

olhar para o centro é identificar modificações que se replicam em outros bairros, refletir sobre essa área da cidade não é restringir, mas pensá-la como um espelho do que acontece no espaço urbano como um todo.

Breve percurso pela história Anapolina

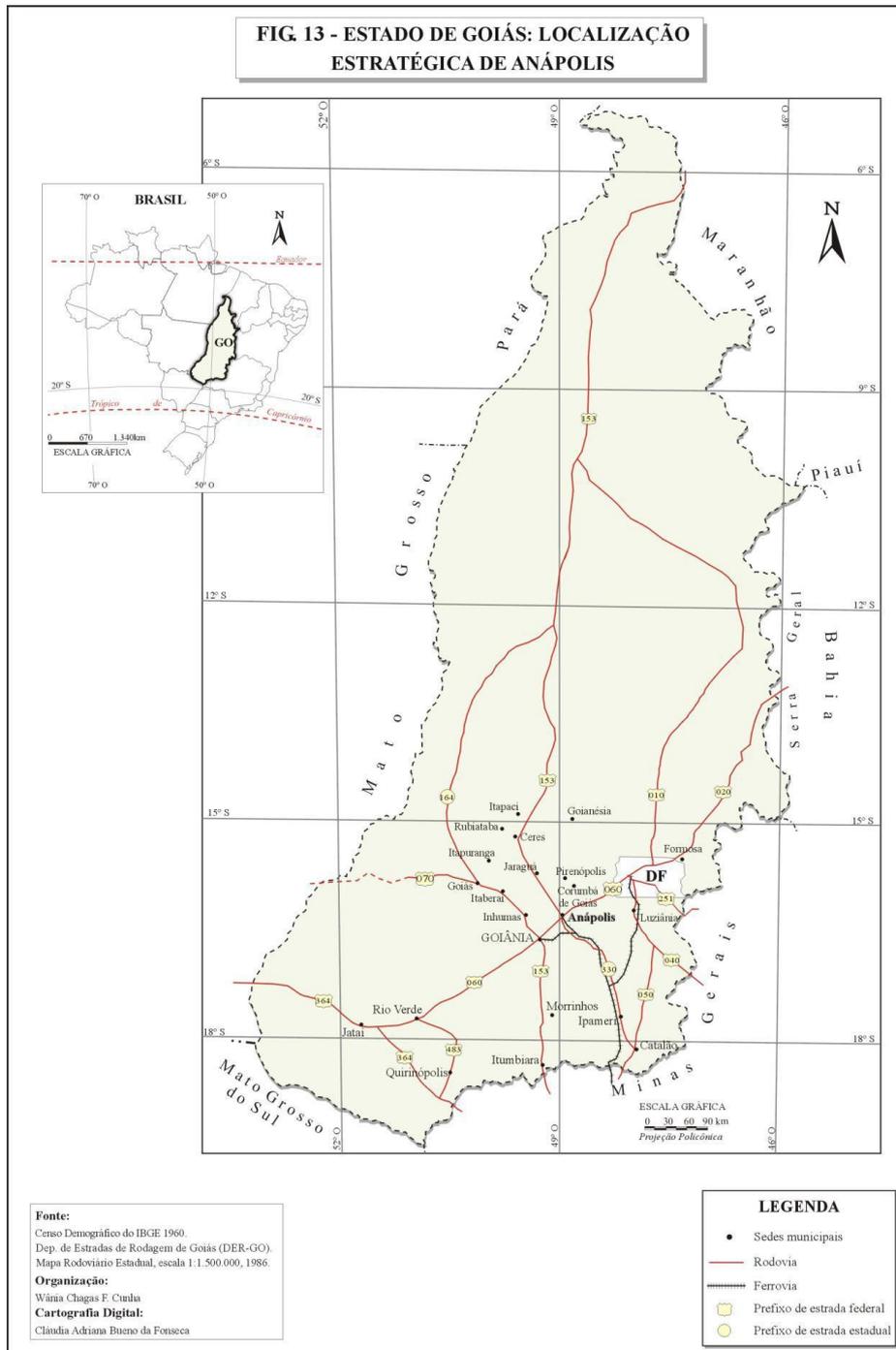
Anápolis, cidade favorecida pela localização geográfica estratégica no espaço regional goiano, carrega desde o seu surgimento, no final do século XIX, condições favoráveis ao desenvolvimento. Fundada em 1873, sua origem está ligada ao mito em torno de Santa Ana e a construção de uma capela em sua homenagem e à sua posição, tendo sido um ponto de passagem e de descanso importante para tropeiros que transitavam pela região⁴. A cidade se caracterizava como um importante entreposto comercial, situada em solos férteis e estava na rota do caminho para a antiga Capital do Estado, Vila Boa (fundada em 1727), e cuja vocação comercial e localização estratégica para as rotas para o norte e oeste do país, foram acentuadas com a construção da Estrada de Ferro em Goiás no início do século XX.

Essas e outras condições propiciaram, como destaca Cunha (2009), o adensamento populacional, o desenvolvimento agrícola, o dinamismo econômico, além do seu fortalecimento econômico na região. Com grande vocação para impulsionar a economia do estado, a partir de 1930, de acordo com Silva (2014), os discursos produzidos sobre a cidade passaram a girar em torno da modernização local, reforçando a ideia de modernidade, e da necessidade de ruptura com o atraso.

Além disso, ao observar o processo de formação e crescimento de Anápolis nota-se que ela ocupou importantes funções no contexto do estado, fazendo com que se diferenciasse no conjunto de municípios goiano e redefiniu sua paisagem e organização social, econômica, política e cultural.

⁴ A narrativa em torno da devoção de Sant'Ana, uma das explicações para o surgimento da cidade, refere-se a decisão de Ana das Dores Almeida em construir uma capela para retribuir uma benção concedida por Sant'Ana. A construção se deu em 1871 e ao redor da referida capela o povoado de Santana das Antas se estabeleceu, crescendo, se emancipando e se transformando na cidade de Anápolis (LUZ, 2009). A localização geográfica estratégica é outro fator explicativo do surgimento e desenvolvimento de Anápolis, visto que o local onde a capela foi construída já era ponto de referência e de parada de tropeiros que iam para o interior do país, e em 1870 já haviam palhoças construídas ao longo do rego d'água conhecido como Rêgo Grande, a partir de onde a cidade se deu, em terras da fazenda de nome Antas (Silva, 1997). Ademais, essa localização estratégica em uma região igualmente estratégica continuou beneficiando a cidade, principalmente com a construção de Goiânia e Brasília, além do que a escolha do lugar para construção dessas capitais também aconteceu em função da existência desse centro que serviria de apoio e para triagem e captação de recursos, tanto humanos quanto materiais (LUZ, 2009).

Figura 2: Origem de Anápolis ligada à sua localização estratégica.



Fonte: Cunha (2009, p.127).

Nesse sentido, a partir de uma síntese do ponto de vista do desenvolvimento e da modernização, podemos destacar diversos eventos relevantes no processo de transformações e influências que Anápolis sofreu diante do cenário em que se inseria, tanto

em âmbito estadual como nacional: a implantação da ferrovia, estabelecendo a abertura da fase progressista, com inauguração datada na cidade em 1935; a transferência e construção das capitais estadual e federal; em âmbito goiano tal fato teve a pedra fundamental lançada em 1933 por Pedro Ludovico Teixeira, e Brasília teve sua inauguração em 1960; a instalação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA) em 1976, intensificando a sua característica comercial e industrial, fatos determinantes na inserção da cidade no eixo conhecido como eixo Goiânia-Anápolis-Brasília (CUNHA 2009; LUZ, 2009).

Junto a esses elementos estruturadores da modernização Anapolina, outros mais operacionais que foram introduzidos nas primeiras três décadas de 1900 como: a implantação da luz elétrica, a construção de rodovias, acesso ao automóvel, desenvolvimento do transporte coletivo e de serviços importantes (hospitais, rádio, cinema), aliadas à importante presença de migrantes que chegaram com a estrada de ferro e dinamizaram a cultura e os hábitos na cidade. Esses fatores alteraram a economia, a dinâmica cultural, social e a estrutura urbana. Vale lembrar também a implantação da base aérea (1972) e mais recentemente da inauguração do Porto Seco (1999), que reforçam mais uma vez a localização privilegiada de Anápolis na dinâmica regional e nacional.

A partir dessa breve apresentação de Anápolis é possível notar que as mudanças econômicas estaduais e nacionais a beneficiaram, e o processo de modernização se tornou um “modelo explicativo e interpretativo da história local” (SILVA 2014, p. 22), impactando no seu espaço intraurbano, provocando uma refuncionalização⁵ e reestruturação⁶, principalmente da área mais central da cidade.

Anápolis: os marcos da modernização e as transformações do espaço intraurbano

A reflexão sobre a realidade contemporânea de um lugar parte da compreensão do seu processo histórico, de um arco temporal que pode ser bastante alargado, sendo assim, para o estudo da repercussão da modernização no espaço intraurbano de Anápolis foram utilizados os principais marcos da inserção da cidade no contexto da modernidade, com o objetivo de compreender o seu cenário atual.

⁵ A refuncionalização dos espaços urbanos, de acordo com Detroz (2015), consiste, basicamente, no processo de transformação de funções de determinada coisa atribuindo um novo valor de uso, consequência natural da própria reestruturação socioespacial de uma cidade.

⁶ O termo reestruturação, com base em Santos (2008), transmite a ideia de mudança em relação a ordem e configuração da vida social, econômica e política e traduz as intensas transformações pelas quais as cidades e a vida urbana vem passando nos últimos tempos.

Portanto, pode-se destacar com base no que já foi apresentado, que os primeiros trinta anos do século XX foram de extrema importância tanto para a estruturação de Anápolis quanto para a sua consolidação como referência econômica. No período inicial, com a consolidação da cidade em 1907, o maior crescimento urbano se deu a oeste e sudoeste e o centro dinâmico da cidade era a região da Praça de Santana, local de ocupação inicial da cidade que se fortaleceu como a instalação de um comércio variado nos seus arredores, além de ser o lugar de concentração das habitações.

Figura 3: Igreja Santana no início da ocupação de Anápolis, situada junto à Praça que recebeu a mesma denominação.



Fonte: Silva (2019, p.54).

Figura 4: Praça Santana atualmente, vista da lateral onde fica a Igreja de estilo eclético, construída para substituir o antigo edifício que ilustra a Figura 3.



Fonte: Silva (2019, p.54).

O evento da chegada da ferrovia a Anápolis em 1935, com base em Silva (2014), foi o elemento catalisador do desenvolvimento da cidade, conferindo definitivamente a ela a

função de núcleo comercial do estado, transformando-a em centro coletor de produtos agropecuários e de distribuição de mercadorias, o que impulsionou o crescimento econômico e a estruturação do espaço intraurbano. Esse marco inaugurador do processo de modernização de Anápolis era tido como símbolo da chegada do progresso e como solução dos problemas relacionados ao transporte, visto que era escassa e precária a situação da rede rodoviária. A estação ferroviária central foi instalada na Praça Americano do Brasil, local que se modificou rapidamente em função de todas as atividades ligadas a produção, escoamento e comercialização da produção.

Figura 5: Praça Americano do Brasil e Estação Ferroviária ao longo dos anos.



Fonte: Silva (2019, p.119).

Nesse período, ainda segundo Silva (2014), a paisagem urbana se modificou significativamente, já que a imagem da cidade deveria condizer com a modernidade decorrente da instalação ferroviária. Nesse sentido, novas atividades comerciais surgiram, edificações velhas foram reformadas, outras demolidas, novos edifícios foram construídos

para dar suporte às atividades econômicas, novas tipologias e materiais construtivos foram utilizados nas residências mais condizentes com hábitos diferentes de morar que estavam surgindo. Além disso, a infraestrutura urbana, como a pavimentação das ruas e implantação de saneamento básico, facilitava a vida da população.

Nesse sentido, com a implantação da Estação Ferroviária o centro econômico da cidade se organizou em suas imediações, onde houve a instalação dos estabelecimentos atacadistas e varejistas, além disso, a população crescia e a cidade se expandia primeiramente para o norte e depois para sudeste, principalmente depois da implantação de um bairro planejado, o Bairro Jundiáí, na década de 1940, inspirado em experiências de cidades jardins e, em outra área, destinada à construção de galpões, na perspectiva da cidade industrial, sem dúvida sob influência da construção de Goiânia, e que contribuiu para a expansão direcionada mais para o sul.

A construção de Brasília, inaugurada em 1960, junto à introdução da estrutura viária refletiu tanto no papel regional de Anápolis quanto no plano populacional e urbano. Houve um significativo aumento demográfico, uma expressiva expansão urbana com a aprovação de inúmeros loteamentos, uma ampliação do sistema viário, com a abertura de importantes avenidas, que facilitaram o acesso ao centro, e também possibilitaram o surgimento de bairros muito distantes dele. Nesse período o centro econômico de Anápolis localizado nas proximidades da Estação Ferroviária expandiu-se, contribuindo na consolidação de outras partes da cidade.

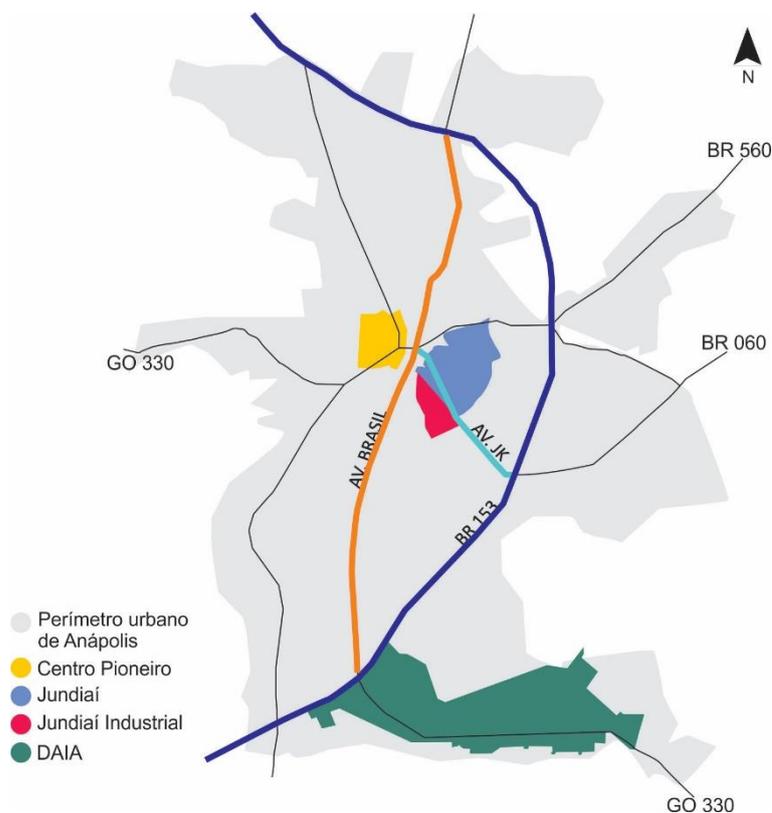
Mas, mesmo Anápolis estando inserida nos principais fatos que marcaram a modernização do estado, vivenciando expansão comercial, aumento populacional e aceleração da velocidade de desenvolvimento, foi a implantação do Distrito Agroindustrial na década de 1970, o principal agente de mudanças na estrutura intraurbana de Anápolis. O DAIA, como é conhecido a partir da sigla desse Distrito, foi a “arrancada final do progresso da cidade” (Correio do Planalto, 1976). Foi a partir dele que a economia Anapolina realmente começou a se alterar e o setor secundário se firmou como principal ramo econômico da cidade.

A realização desse empreendimento foi responsável pela redefinição do perfil econômico do município. Abriu um novo horizonte de expectativas em relação ao futuro da cidade e, em contrapartida, ‘remodelou’ o modo como era percebida a trajetória histórica até então (SILVA, 2014, p. 151).

O DAIA, de acordo com Luz (2001), e o projeto de implantação do Porto Seco vinte anos depois, assim como a proposta de construção da Plataforma Logística Multimodal, a instalação de Universidades nas proximidades, como é o caso da sede central da Universidade Estadual de Goiás (UEG), e a elaboração do Plano Diretor de Anápolis funcionaram como respostas às dificuldades que surgiram a partir da década de 1950, quando a importância da cidade foi posta à prova devido à concorrência com as novas capitais e a mudança na política nacional.

Desde sua criação, o DAIA assumiu o posto de principal atividade econômica de Anápolis, estimulando significativamente o seu desenvolvimento. Como afirma Cunha (2009), a sua localização na parte sul da cidade provocou um reordenamento do espaço intraurbano, exemplo disso é a migração do setor secundário da economia, antes instalado principalmente, na Vila Industrial Jundiáí, construída em 1940, para essa nova área da cidade, o que resultou em uma refuncionalização desse bairro; e o deslocamento do setor atacadista moderno para as proximidades da BR-153 e da Avenida Brasil e JK.

Figura 6: Croqui com a localização de eixos e polos importantes da cidade de Anápolis.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os elementos modernizadores apresentados aqui, entre outros de menor impacto, mas não irrelevantes, provocaram modificações profundas na organização espacial, social e econômica de Anápolis. Nota-se, portanto, que a modernização não está restrita apenas às mudanças tecnológicas e inovações, mas se refere também a uma mudança de hábitos e costumes. Nesse sentido, é notório que a afirmação do novo e do moderno está presente em Anápolis há tempos. A cidade se desenvolveu tendo como palavras de ordem “cidade moderna”, “espírito moderno”, “progresso” e “evolução”.

E essa corrida em busca do *status* de cidade moderna teve consequências significativas em seu espaço intraurbano, principalmente para seu Centro Pioneiro, onde a concepção de centro hegemônico, dinâmico e rico em carga simbólica foi afetada. Além disso, as novas dinâmicas adquiridas fizeram e ainda fazem com que a cidade se transforme dia a dia.

Não obstante, com tantas transformações, o centro de Anápolis é um lugar simbólico por excelência, onde a memória coletiva encontra sustentação e o legado histórico está materializado na paisagem.

Nesse sentido, continuaremos a discussão destacando aqui questões relacionadas a área central de Anápolis e, mais especificamente, seu Centro Pioneiro, local que adquiriu características comuns à maioria das médias e grandes cidades⁷ devido ao acentuado processo de urbanização e modernização, à intensificação da expansão urbana, seja ela planejada ou não, ao surgimento de subcentros, com diversidade de atividades, porém mais especializados; aliadas à uma forte tradição do novo arraigada a uma cultura de renovação constante e a um aparente desapego da população em relação a sua história e aos seus edifícios de interesse cultural, fatos consolidados ao longo do seu desenvolvimento, crescimento e modernização.

As mudanças no Centro Pioneiro de Anápolis

A partir da trajetória examinada é possível colocar em debate uma questão pertinente tanto em relação ao processo de modernização econômica-social de uma cidade quanto para a reflexão sobre o cenário atual das cidades brasileiras: as transformações nas

⁷ Vale lembrar que não estamos tratando aqui de cidades que possuem um Centro Histórico consolidado e que na maioria das vezes são tombados e possuem políticas públicas para sua salvaguarda, como é o caso de Recife, Ouro Preto, Salvador e a Cidade de Goiás, por exemplo. Mas de cidades que possuem em seus centros vestígio do passado e se entregam a transformação incessante da paisagem sem o devido reconhecimento do valor desses.

áreas centrais ou nos centros tradicionais e as repercussões na própria dinâmica urbana evidenciam um enfraquecimento de sua hegemonia que pode indicar a necessidade de ressignificação dos seus espaços e da sua imagem.

Esse olhar atento para o centro é fundamental, visto que identificamos nele espaços construídos e uma paisagem que expressam os diversos e importantes processos históricos, além de aspectos da identidade e da memória do lugar. O Centro Pioneiro de Anápolis, portanto, para além de ser a parte mais antiga do espaço urbano, se coloca como testemunho de várias épocas e mesmo alvo de tantas transformações ainda é um lugar de grande valor simbólico, onde a memória coletiva encontra sustentação, ainda que imerso em um contexto propício a desvalorização e esquecimentos.

Tomando o centro das cidades hoje como o lugar de maior dinamicidade da vida urbana e possuidor de formas e atividades que compõem a representação da cidade, observa-se que além de carregar características centrais da vida urbana, comporta espaços que podem potencializar a sociabilidade. Porém, com a intensificação da expansão urbana e com o surgimento de vários subcentros, essa noção começa a se diluir, esses espaços passam a concorrer entre si acelerando muitas vezes, a perda de qualidade da área central da cidade.

Os centros das grandes e médias cidades brasileiras, em geral, têm perdido a multifuncionalidade (passam a se dedicar expressivamente a atividades comerciais e de serviços), comerciantes informais se estabelecem de forma desorganizada, a dimensão política também enfraquece, e passam a ser uma parte da cidade que tem “vida” apenas em certos horários. As edificações históricas começam a dar lugar aos estacionamentos ou se perdem em meio à paisagem tomada pelos letreiros, entre outros. E Anápolis, uma cidade média reconhecida, é uma representante desse cenário, onde o seu Centro Pioneiro vem se transformando incessantemente impulsionado pelo processo de modernização e urbanização crescente.

De fato, a área central de qualquer cidade se distingue do restante através da concentração comercial, da relevância do seu patrimônio cultural edificado, da intensidade dos fluxos – de pessoas, automóveis, mercadorias, capitais, decisões – entre outros, e no caso anapolino esse cenário se instaurou e se intensificou em resposta a cada inovação posta pela modernização, que contribuiu também, para a separação entre o local de trabalho e de moradia. Essa consequência da modernidade se deu em função principalmente do crescimento demográfico, aumento do número de loteamentos e pela expansão territorial desenfreada.

De acordo com Barreto (2010), o centro de Anápolis, como o centro da maioria das cidades, de centro político, passa a ter papel econômico, transforma-se em espaço de gestão, nó dos transportes; assistindo o deslocamento da população para outras áreas, motivado pela disponibilidade de habitação mais barata, o acesso a um maior leque de serviços e uma melhor qualidade de vida, e passa a ter nas telecomunicações auxílio para a organização e para vida cotidiana. Além disso, a fixação do novo e a promessa de progresso junto a ele faz com que a cidade adquira uma característica de desapego ao passado, permitindo renovações constantes da paisagem.

Diante de tais prerrogativas, ainda conforme Barreto (2010), a cidade contemporânea assiste à divisão das condições de centralidade em diversos espaços. Nessa lógica, observamos que em Anápolis a especialização da economia advinda da modernização contribuiu para os deslocamentos do centro e o surgimento de novas centralidades.

Retomando à história, com o apoio de Cunha (2009), observa-se que as centralidades instaladas na cidade correspondem ao contexto de desenvolvimento econômico e comercial em diferentes momentos, primeiramente foi o núcleo inicial de formação urbana, depois o desenvolvimento no entorno dele, posteriormente as proximidades da Estação Ferroviária, nos anos 1950 potencializou-se o bairro planejado, e uma outra região onde se instalou uma indústria fabril, além de eixos rodoviários que cortam a cidade onde se instalaram diferentes segmentos comerciais de diversos portes. Atualmente, diferentes dinâmicas têm reforçado ou criado novos polos de atração.

Essas transformações urbanas vêm fazendo com que o Centro Pioneiro de Anápolis seja parcialmente descaracterizado e pouco aproveitado pelo potencial cultural que possui. Com base em Colby (1958) *apud* Oliveira (2010), podemos entender um pouco a respeito dos motivos pelos quais a população é atraída para novas áreas não centrais:

- 1) grandes parcelas de terras desocupadas, a baixo custo de impostos, 2) infraestrutura implantada, 3) facilidades de transportes, 4) qualidades atrativas do sítio, como topografia, drenagem, arborização, etc., 5) ausência de restrições para edificação e funcionamento das atividades a serem implantadas, 6) a presença de amenidades físicas ou sociais.

Para além disso, o esvaziamento do centro ainda pode ser justificado pelos seguintes fatores:

[...] usos e funções; ampliação do sistema viário, transformando o Centro em área de transbordo e de passagem; transferência em anos anteriores, de órgãos públicos para outros setores da cidade; presença de terras com valores menores e legislação

urbana favorável a verticalização em outras áreas, bem como a falta de uma política clara para as áreas centrais. (OLIVEIRA, 2010)

Nesse sentido, o conjunto de elementos envolvendo modernização, urbanização, expansão urbana, descentralização, novos ritmos de vida e necessidades sociais, políticas, culturais e econômicas que contribuíram para o enfraquecimento da hegemonia do Centro Pioneiro de Anápolis, resultando em um cenário marcado pela dificuldade de responder às novas demandas, desgaste do tecido urbano, perda de reconhecimento do valor histórico da paisagem e dos elementos construídos, tráfego intenso, dificuldade de estacionamento, movimento apenas durante o horário comercial, segregação, entre outros. Mas, mesmo assim essa área continua exercendo destaque, visto que nele a população encontra facilmente atividades comerciais, hotelaria e de prestação de serviços odontológicos, bancários, médico-hospitalares, farmacêutico, entre outros.

Partindo do pressuposto de que o centro da cidade é onde se encontra a história de seus habitantes já que a maior parte dos bens considerados como patrimônio histórico se concentram nele, deve ser o local onde há um grande intercâmbio e encontro. Para tanto é necessário, preservá-lo de ações descomprometidas, especialmente com a história materializada ali, sendo, nesse âmbito, imprescindível repensar o Centro Pioneiro de Anápolis como local capaz de provocar uma retomada histórica.

Mas, ao andar pelo Centro Pioneiro de Anápolis, nota-se que estamos em uma sociedade onde o legado do passado está em constante eminência da perda, que convive com a renovação de fachadas, com demolições, em um processo de descaracterização parcial e, às vezes, total daquilo que é testemunho de uma época e da história da cidade e de sua população, uma prova da pequena ou escassa conscientização e do reconhecimento da importância desses marcos de memória.

Esse aparente desapego ao passado e consequências em sua materialidade acarretam transformações na cidade, impulsionadas por um contínuo demolir-construir. Esse cenário de constantes transformações faz com que a memória histórica vá se perdendo pouco a pouco, essa que é essencial para a identidade da sociedade local.

Preservar, portanto, torna-se uma necessidade primordial para o estudo da arquitetura, para o estudo da história, das relações sociais, para o nosso autoconhecimento e, especialmente, para a compreensão do hoje como uma evolução de tudo o que até agora a humanidade presenciou (COELHO e VALVA, 2005, p. 77).

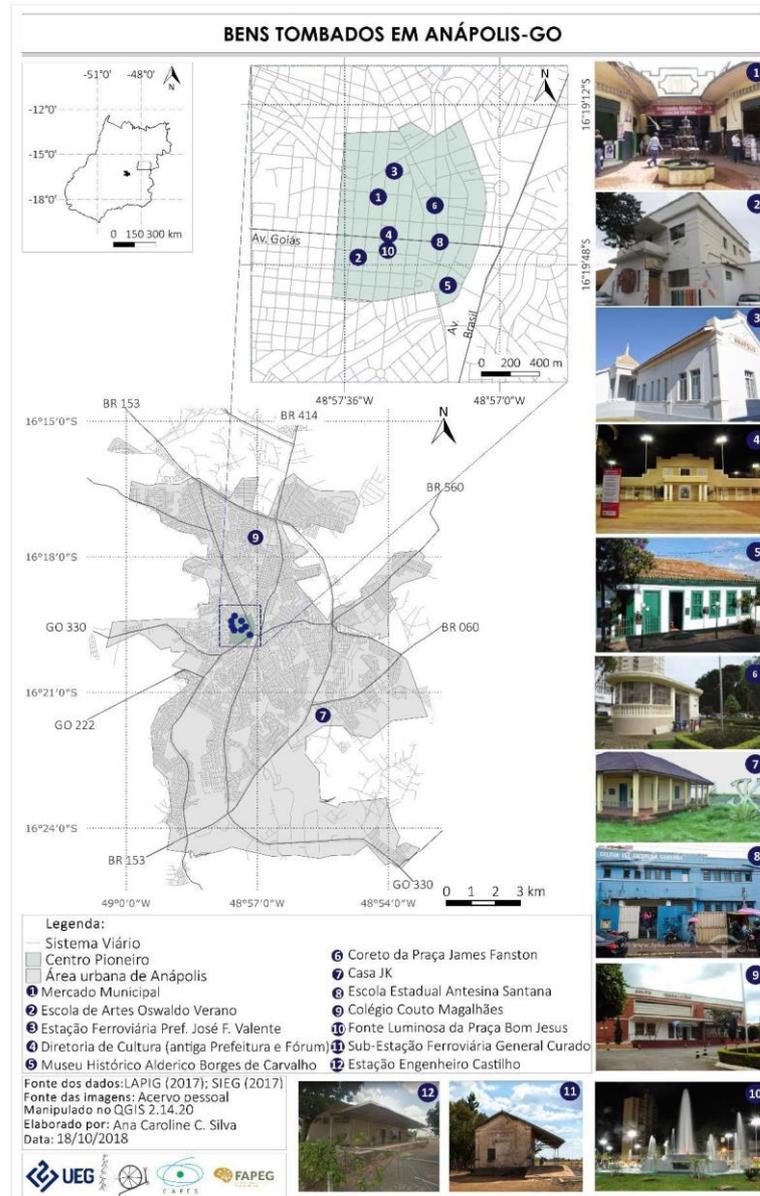
Dessa forma, a valorização e preservação do passado e da memória coletiva, não só referente ao patrimônio material, mas também ao imaterial se faz cada vez mais necessário, visto que são representantes do tempo e da cultura, e a não preservação pode resultar na perda de identidade cultural, de tradição, de conhecimento e de consciência histórica. Essa realidade exige inclusive uma ampliação da própria noção sobre o que constitui o patrimônio para uma sociedade contemporânea e da necessidade de sua preservação e divulgação.

No que se refere à preservação do meio ambiente urbano, temos, então, um duplo condicionamento: por um lado, sendo este um organismo vivo, não há que se impedir o processo de renovação, intrínseco a ele, e que acompanha o próprio desenvolvimento da vida humana. Por outro lado, no entanto, cabe à sociedade e ao Governo orientar essa renovação e transformação, para que a paisagem evolua de maneira equilibrada e não predominem apenas os interesses econômicos imediatos de um determinado segmento (CASTRIOTA, 2009, p. 87).

Portanto, partindo dessas considerações, é necessário que a questão da força simbólica presente no centro e dos bens patrimoniais de uma cidade sejam trabalhadas unindo fatores sociais, econômicos, culturais, estéticos e ambientais. Não sendo suficiente apenas a prática do tombamento como medida para se efetivar a luta pela preservação, visto que a discussão é muito mais ampla e complexa e envolve educação e conscientização em primeiro lugar, já que esses bens não se referem à identidade e à memória de uma única pessoa, mas de um grupo e/ou de uma sociedade como um todo, e como tal esses precisam fazer parte do processo, estar esclarecidos e conhecer o porquê de se fazer.

Porém, mesmo sofrendo com as imposições da modernização, do capital, do crescimento e da urbanização, o Centro Pioneiro de Anápolis ainda conserva muitos marcos representantes da sua história. Dentre os mais reconhecidos, pode-se destacar aqueles tombados e portanto, reconhecidos oficialmente como patrimônio histórico e cultural da cidade, sendo eles: o Mercado Municipal “Carlos Pina”; o prédio da antiga Cadeia Pública, IML e Polícia Técnica de Anápolis – hoje Escola de Artes Osvaldo Verano; a Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente; o prédio que hoje funciona a Diretoria de Cultura – local onde foi a Prefeitura e o Fórum de Anápolis, localizado na Praça Bom Jesus –; o Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho; o Coreto da Praças James Fanston; a Casa JK; a Escola Estadual Antesina Santana e o prédio do Colégio Couto Magalhães; a Fonte Luminosa da Praça Bom Jesus; a sub-estação ferroviária General Curado; e a Estação Engenheiro Castilho.

Figura 7: Mapa de Bens Tombados em Anápolis-GO.



Fonte: SILVA (2019, p. 65).

Corroborando nesse debate acerca do Centro Pioneiro e seu legado histórico, a figura 7 comprova que em relação ao patrimônio anapolino tombado a maioria, de fato, se encontra no centro, ainda que em pouca quantidade já demonstra a carga simbólica que essa área da cidade carrega. E talvez se não fosse o tombamento esses marcos não teriam sobrevivido ao tempo e ao *boom* da modernização.

Portanto, ainda que não seja a única e nem a primeira opção para garantir a permanência do nosso legado histórico, enquanto a educação não consegue gerar uma

consciência maior quanto a isso, o tombamento vem sendo a única maneira de garantir que algo permaneça e seja transmitido de geração a geração, visto que aquilo que não fica como matéria, dificilmente passará a ser um bem que será transmitido ao futuro.

Diante de tal conjectura, nesse espaço sociocultural e urbano em constante mutação, o que se observa é a perda da relevância de símbolos importantes e o não reconhecimento do patrimônio, condição que pode ser observada por todo canto de seu centro que esconde seus vestígios do passado com os grandes letreiros comerciais, ou, com equipamentos urbanos, como foi o caso da Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente⁸, que sofreu intervenções drásticas no seu entorno imediato.

Mas, a situação da Estação Ferroviária foi em grande parte revertida e ações como essa demonstram que o cenário relacionado ao legado histórico em Anápolis tem caminhado e mostra maior disputa pelos marcos do passado, no entanto a maioria da população não reconhece o valor desses bens e acha desnecessário a preservação e os gastos para restauração e manutenção, indicando falta de conscientização e a necessidade de uma educação patrimonial.⁹

Talvez essa visão de Anápolis como uma cidade que se importa pouco com o seu passado e a sua materialidade, que renova constantemente a sua paisagem, com uma ideia errônea de que a preservação ou o ajuste e aperfeiçoamento do que já existe são insatisfatórios para a prosperidade, nos deixa em um ciclo vicioso de desapego justificado e reforçado por esse ideário de progresso presente desde seus primórdios, pela influência do capital, junto a promessas e a esperança de um futuro auspicioso.

Essa postura presente em Anápolis talvez possa estar começando a se alterar com a iniciativa de ação sobre a Estação Ferroviária, mas uma postura ainda muito embrionária e de poucos em um universo de mais de 330 mil pessoas. Há muito o que avançar, conscientizar e educar. O problema em si não é o progresso e a busca por ele, muito menos a modernização em si – não se pretende aqui criar uma ideia negativa a respeito de ambos – mas a dificuldade de conciliar preservação e modernização, o que gera impactos à cidade, bem como a sua memória e identidade.

⁸ A Estação Ferroviária, apesar de ser um bem tombado desde 1991, sofreu por anos uma grande interferência em seu entorno, onde a construção de um terminal urbano a escondeu na paisagem do Centro de Anápolis, mas após uma briga judicial, conseguiu-se a retirada desse terminal, que se instalou a sua frente após o tombamento, e o seu restauro.

⁹ Para mais informações ver pesquisa desenvolvida por Silva (2019).

Algumas considerações

Com as reflexões apresentadas nesse artigo, evidencia-se que Anápolis, beneficiada pela localização geográfica, ocupou importantes funções no contexto regional no decorrer de seu processo de formação e crescimento, e que a modernização acompanhada do ideário de progresso permitiu que a cidade impulsionasse seu desenvolvimento, se diferenciando no conjunto de municípios goianos, e redefinindo sua paisagem e organização social, econômica, política e cultural.

Essa corrida em busca do *status* de cidade moderna teve consequências significativas, com destaque para seu Centro Pioneiro, que diante do acentuado processo de urbanização resultou em uma área com características comuns às grandes cidades. Esse processo em Anápolis, assim como em outras cidades brasileiras, foi marcado em grande parte pelo deslocamento dos moradores para outros bairros, que faz com que o centro conviva com um fluxo intenso no horário comercial e com o esvaziamento à noite e nos finais de semana; com o surgimento de novas centralidades e com a dinâmica de renovação constante transformando a sua paisagem sem que haja um reconhecimento da importância dos marcos da história existentes ali, visto que é no centro que se concentra grande parte do legado patrimonial edificado. Logo, o processo de modernização e urbanização levou à transformação da área central e ao enfraquecimento de hegemonia dessa, frente às novas dinâmicas. As recentes refuncionalizações de alguns locais nem sempre consideram a identidade e esse potencial histórico cultural, amparando-se em tendências genéricas de requalificações urbanas.

Nesse sentido, diante de tantas alterações, o Centro Pioneiro de Anápolis apresenta: falta de habitações, equipamentos de lazer, segurança, investimentos e incentivos para a melhoria local, congestionamentos e dificuldade de estacionamento; omissão da legislação em relação à substituição de elementos importantes para história por estacionamentos, por exemplo, e, conseqüentemente perda de memória histórica e não valorização do seu passado. Tudo isso tem promovido desgastes e faz com que deixe de ser um local atrativo e passa a ser evitado pela população, já que também sofre com aspectos complexos de segregação social evidentes.

Perante isso, urge encontrar soluções e propor ações que resolvam os problemas desse núcleo e promovam a sua valorização, tendo em mente a relevância para a história, memória e identidade da cidade, sendo que a luta em prol do legado histórico e cultural deve acontecer tendo como base a educação, a participação coletiva e o aproveitamento do

patrimônio consolidado ali. É necessário iniciar um processo que pense a cidade e sua paisagem urbana como um conjunto e não a partir somente de monumentos isolados. Não estamos falando em transformar a cidade em algo estático, mas pensar tanto nas áreas novas quanto nas consideradas históricas, colocando em destaque a qualidade de vida e a preservação, criando espaços mais coletivos e menos excludentes que conciliem o novo com o antigo de forma harmônica, para que as identidades dos lugares sejam reforçadas e a valorização histórica nesses espaços seja possível.

Referências:

ARRAIS, Cristiano Alencar. **Projeções Urbanas: Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília**. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

BARRETO, Rogério. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação. In. **Cadernos – Curso de Doutorado em Geografia**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, 2009.

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D’Ayala. **Patrimônio cultural edificado**. Goiânia: Editora da UCG-2a edição, 2005.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. **Dinâmica regional e estruturação do espaço intraurbano: um estudo sobre as influências do DAIA na economia anapolina a partir de 1990**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Instituto de Estudo Socioambientais. Universidade Federal de Goiás, 2009.

DETROZ, Catherine de Abreu. **Rugosidades e refuncionalização do espaço urbano: o caso do SESC Fábrica Pompéia (São Paulo, SP)**. São Paulo, 2015.

LUZ, Janes Socorro da. **Especialização da atividade comercial atacadista: o setor atacadista-transportador moderno de Anápolis**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

_____. **A (re)produção do espaço de Anápolis-Go: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009**. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

_____. **O eixo Goiânia-Anápolis-Brasília e as novas dinâmicas territoriais**. In. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, Universidade de São Paulo, 2005.

MEYER, Regina Maria Proserpi. O espaço da vida coletiva. In. ALMEIDA, Marco Antonio Ramos de. (aprest). **O centro da metrópole: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Editora Terceiro Nome: Viva o Centro: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

OLIVEIRA, Carolina F. de. Sustentabilidade nas cidades: preservação dos Centros Históricos. In. **Arquitextos**. Ano 11, n. 125.06, São Paulo, 2010. Disponível em: 2010 <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3569>>.

SANTOS, Janio. Reestruturação urbana x Reestruturação da cidade: o caso de Salvador. In. **X Colóquio Internacional de Geocrítica**. Barcelona, 2008.

SILVA, Ana Caroline Caixeta. **Do edifício histórico ao espaço urbano: um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2019.

SILVA, José Fábio. **O progresso como categoria de entendimento histórico: um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis-GO (1930-1957)** Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

SILVA, Júlia Bueno de Moraes. **O interior e sua importância no Projeto Centralizador do Brasil: Anápolis anos 20-30**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de História, Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1997.

Periódicos:

Correio do Planalto, Anápolis, 1976.